

FECUNDA AUTONOMIA

NASCI HÁ EXATOS sessenta e dois anos num inexpressivo vilarejo do interior, onde as gerações que me precederam também o tiveram como terra natal. Ali viveram suas reles vidas pacatas, criaram mecanicamente seus filhos e, para o bem do mundo civilizado, devem estar desaparecendo. Se ainda me restam tais parentes, não os vejo desde que saí do lugar e definitivamente não tenciono visitá-los ou tomar conhecimento de sua existência. Por falar nisso, desconheço quase que por completo as origens de minha ascendência, mas tenho um sonho recorrente onde o grão fundamental de minha honorável árvore genealógica é semeado por alguma ave de rapina que, vagando pelo céu árido de minha região natalícia, resolve lançar o tal grão, envolto em suas fezes abundantes, sobre aquela terra arenosa, parte de um ambiente inóspito no qual não conseguiu identificar alimento digno de seu paladar. Devo confessar, com certo constrangimento, que a ideia de ser produto de uma defecação já me foi mais obsessiva e incômoda. Hoje ela é esporádica e de duração rápida, surgindo, na maioria das vezes, quando tento procurar as razões primeiras de certos infortúnios que se atrevem a me perturbar.

Minha mãe morreu no parto que me trouxe ao mundo; fato que hoje interpreto como prenúncio de algumas peculiaridades

de minha personalidade. Meu pai se foi quatro anos depois, vitimado por um tiro de espingarda, disparado por ele próprio. Os parentes e amigos da família sempre me contaram a história de que algum ladino enfiou um objeto metálico no cano da arma de fogo e meu nobre pai, ao tentar alvejar um pássaro apetitoso, teve perfurados o olho com o qual mirava e a cabeça com a qual ruminava pelo projétil ricocheteado na peça obstrutora. Assim, mortos e enterrados, meus genitores decompueram-se sob a mesma terra arenosa que a ave do sonho avistou e o fato de terem deixado um fruto à superfície não os fizeram merecedores de maiores lembranças e atenções, além daquelas dispensadas aos mortos no dia de finados. Com meus avós também já falecidos, o tal fruto, criado à imagem e semelhança de Deus, eu em pessoa, cresceu nas casas dos tios, pulando de uma para outra, onde fosse menos inconveniente a sua estada temporária. Em cada uma delas, conferiam-me poucos direitos e diversas obrigações, entre as quais sempre figuravam a frequência à escola e os serviços domésticos.

Antes que me esqueça, atendo pelo nome de Pompeia. Passei os anos de minha adolescência conjecturando as razões que levaram meus saudosos pais a batizarem sua filha com um nome tão singular, um nome que inviabiliza qualquer substituição por um apelido digno, um nome que desperta e agride os ouvidos mais desatentos com suas três vogais encadeadas nada sutis. Nessa época, ele foi motivo de muita consternação, mas ao longo do tempo tornou-se bastante conveniente e passei a utilizá-lo como um dos meios, entre outros, para atingir os meus fins. Não esqueço do orgulho que me invadiu quando me contaram que na famosa cidade romana, minha

homônima, descobriu-se a maior concentração de obras de arte pornográficas do mundo antigo, muitas delas localizadas nos banheiros das casas de família, cujas representações variavam desde símbolos fálicos até posições sexuais nada ortodoxas. Investigando mais profundamente o assunto, li em algum lugar que muitos arqueólogos voltaram a esconder certos achados tal a promiscuidade que exibiam. Por isso, além de pomposo e intimidador, meu nome passou a ter uma carga altamente libertina; atributo que, diferente dos primeiros, lhe conferiu traços de imortalidade.

Eu ainda não tinha toda a segurança de hoje em relação ao meu nome e a muitas outras idiossincrasias da vida quando escolhi fazer o antigo curso normal. O colégio obviamente se localizava no município vizinho e, no ano que iniciei, a prefeitura da cidade onde morava resolveu disponibilizar um ônibus no qual transportaria, a custos irrisórios, seus tão aplicados alunos. Assim, seria possível sair de casa e retornar todos os dias; algo que para os mais aficionados pelo ambiente do lar configurava-se uma dádiva. No meu caso, a desnecessidade de morar alhures foi uma tragédia, pois eu já sorvia o doce sabor da liberdade quando a notícia do transporte irrompeu nos meus ouvidos. Tentei, sem sucesso, argumentar com a família que o tempo gasto na locomoção reduziria minhas horas de estudo e outras inconsistências do gênero. Para minha infelicidade, eu havia me tornado bastante útil à essa tal família, de um de meus tios, irmão mais novo de minha finada mãe. Naquela época, meus préstimos domésticos aliviavam quase que completamente o trabalho de sua mulher. Quando eu não estava na escola, ficavam sob minha responsabilidade os afa-

zeres do lar e as crianças, enquanto a dona da casa saía para visitar suas amigas, também fofoqueiras. Minha recompensa era um quarto nos fundos da casa, compartilhado com alguns insetos desagradáveis, contra os quais travei luta incessante até que consegui diminuir, para níveis admissíveis, sua incansável incidência. Assim que as crianças pegavam no sono, eu me recolhia a esse aposento pestilento, momento que me sobrava para fazer os deveres da escola. Uma mudança nessa rotina seria portanto mais do que bem-vinda e a perspectiva de morar numa cidade suficientemente caracterizada como tal, afastada de onde sempre vivi, significava o paraíso na terra. Eu já havia acertado lugar numa república barata e custearia meus pequenos gastos trabalhando meio período numa papelaria. A notícia do transporte foi trazida euforicamente pela mulher do meu tio e tivesse eu um objeto pontiagudo em minhas mãos o cravaría na jugular daquela criatura abjeta, cuja lembrança dos trejeitos ainda me causa náuseas. No entanto, a presença de um leve temor por conta das despóticas manifestações contrárias à ideia de mudança e as lágrimas nos olhos de meus priminhos frearam minha rebeldia juvenil.

Eu ainda estava de férias – férias escolares apenas – quando se inciou em minha mente aturdida por inquietações um longo conflito entre piedade, obediência e amor próprio. Fundamentadas nessas três virtudes, pululavam justificativas mais do que plausíveis tanto para a mudança quanto para a permanência. Durante alguns dias, fiquei triste, calada e não dormi, perdida nos labirintos da indecisão e da insegurança. Ao me ver sem saída, começaram a me perturbar insistentes pensamentos escatológicos; foi quando me ocorreu pela primeira vez, numa

noite de sono fragmentado, o tal sonho com a ave de rapina e sua evacuação profícua: evento arcaico que deu origem à minha genealogia. A partir daí, essa ideia se tornou fixa e propiciou diversas outras de menor intensidade; todas orbitando sobre o mesmo tema fecal. Fui tomada então por uma enorme aversão àquela vila que me sufocava, àqueles parentes que me exploravam, àqueles tios que me aprisionavam, àquelas crianças remelentas, cujas fraldas borradas eu troquei desde que nasceram. Nesse período, cheguei a emagrecer de tanto vomitar e quase nada, além de pão e água, permaneciam mais de um quarto de hora em meu estômago. Resolvi então tomar a evidente decisão de não ficar, comunicada uma semana depois, no mesmo dia que parti. O asco manteve-me resoluta, obstinada para seguir a nova vida e nem mesmo a explosão raivosa de meu tio, vociferando injúrias e ameaças aos meus ouvidos, conseguiram diminuir a náusea que me acometia ao considerar a hipótese de voltar atrás para perseverar ali, na velha terra arenosa, onde a vida transcorria inerte e as perspectivas não ousavam ultrapassar os muros que delimitavam as casas.

Quando estava confusa e perdida, não tomei atitude alguma em relação à república e ao emprego na papelaria. Parti então com ambos ainda acertados; situação que me deu um certo conforto em meio ao temor que me invadiu ao entrar no ônibus. Parti e nunca mais voltei, nunca mais tive vontade de voltar, nunca me ocorreu a mais insignificante curiosidade em buscar notícias, em saber o que se passou ao longo dos anos. Não posso dizer que deixei algo para trás porque dizê-lo pressupõe ligações afetivas fortes o suficiente para conferir o mínimo senso de pertencimento ou ligação. Se um dia houve

algo parecido com isso, então tais sentimentos estão trancafiados até hoje nos porões mais obscuros de meu espírito e, naquele momento de mudanças, eles também não se manifestaram. Não foram, portanto, saudades que tornaram difíceis os primeiros meses dessa nova vida, mas o medo ante à incerteza do futuro: eu era uma moça nova, sozinha, sem o devido suporte material, dependente apenas de si mesma e da imprevisível vontade do destino. Nada e ninguém, exceto a aspereza do tempo e o cansaço da rotina, me adaptaram ao novo local. Ao final do primeiro ano, a escola e o trabalho já não me pareciam obstáculos intransponíveis, desafios incompatíveis com minhas capacidades. Orgulhava-me por ter colegas, por conseguir me divertir de vez em quando, por sorrir com mais frequência; regozijava-me com aquela impressão de ter construído algo para mim, para o meu próprio benefício.

Pouco afetada pelo medo, fiquei mais serena, navegando num mar de tranquilidade que até aquele momento eu não conhecia. A rotina de trabalho e estudos, cumprida com exatidão não era em nada penosa, pois preenchia-me não com repulsa mas com o acolhimento e a segurança da virtuosa disciplina. A vida então revelou-se certa, leve, suave, e os problemas que surgiam não me perturbavam por muito tempo: resolvia-os todos com a mais diligente objetividade. Dela, nasceu um pragmatismo que terminou por se arraigar nas entranhas do meu agir, do meu pensar, de tal sorte que nunca o perdi, que nunca empreendi esforços para perdê-lo, do qual me orgulho e que cultivo até hoje. A partir dele, consegui atingir um nível de auto suficiência que me garantiu, no fim das contas, independência. Graças a ele, eu sempre soube o que sou, qual

é a minha situação, qual é o meu lugar e o que posso vir a ser. Naquela época, eu era uma garota pobre, estudante de um mero curso normal, habitante de uma república insalubre e principalmente carente de um bom sustento material. Para o meu espanto, quando consegui delinear os contornos dessa realidade, não me ocorreu indignação ou revolta, mas confiei ainda mais na disciplina e na determinação. Assim, tranquila e decidida, busquei o tal sustento material ali mesmo na cidade interiorana que me abrigava. Dentre os caracteres que herdei de meus ilustres ancestrais, fui agraciada com uma cintura assaz curvilínea, mais que adequada aos padrões em vigor, desembocando numa anca vistosa e proporcional, adornada por uma bunda generosa, bem formatada, atemporal. Apoiada nessa infraestrutura, passei então a dispendir uma parcela considerável de meus poucos recursos financeiros em prol da vaidade necessária à empreitada: comprei adereços, maquiagens, roupas que favoreciam meus atributos; passei a frequentar mais o cinema com minhas colegas, a sair para passear na praça, a me fazer presente em quermesses, bailes, festas e todo o tipo de evento que envolvesse agrupamento indistinto de pessoas. Digo indistinto porque era necessário que tais ocasiões ensejassem o encontro do meu nível social com estratos mais elevados. As escassas oportunidades de divertimento numa cidade interiorana facilitam, de alguma forma, esse tipo de junção. Beneficiada então por essa conveniente realidade, uma das poucas numa cidade afastada da civilização, coloquei meus dotes para desfilar. Confesso, sem exagero algum, que não foi necessário muito tempo até que um certo afoito, filho de um famoso comerciante da região, se encan-

tasse pelos movimentos pendulares de meus quadris, deliberadamente angulados com exagero. Sua aproximação foi rápida, incisiva, acompanhada por um discurso patético, cujo objetivo mais que evidente era degustar aquilo que seus olhos ávidos já haviam constatado como saboroso. Aqui neste ponto, quero contar um segredinho: uma das vantagens de ser mulher é poder unir nessas relações carnavais com o macho, eterno ingênuo, o útil ao agradável, dissimulados, é claro, por uma aura de fragilidade, de retidão moral, de comportamento ilibado, de sentimentos absolutamente imaculáveis. Assim, enquanto nos deliciamos secretamente com os prazeres materiais, nos quais se inclui a luxúria, fica preservada, aos olhos do mundo exterior, nossa integridade espiritual. Foi justamente nesse contexto de libertinagem travestida de pureza que atingi meu objetivo: um carro, um dia adequado, um vestido revelador, beijos úmidos, mãos travessas em locais outrora proibidos, o banco do motorista afastado e apoiados nele, nós vorazes, um sobre o outro.

Pouco tempo depois, diante da inegável interrupção de minhas regras, não houveram maiores discordâncias de parte à parte quanto ao encaminhamento que seria dado ao inesperado problema: casei-me então com quatro meses de gravidez e Osvaldo, o noivo, demonstrou certa irritação no início, muita impaciência, principalmente quando ficávamos sozinhos. Dois meses após o casório, já estava um pouco mais conformado: seus pais exerciam uma enorme influência sobre ele e não foram necessárias maiores admoestações até que aceitasse o fato de que se tornara um chefe de família, futuro pai dedicado e incansável provedor do lar. Para o espanto de todos, incluindo o

meu, ele assim o foi, superando em muito as expectativas mais otimistas, embora não houvessem muitas. Quando Tiago nasceu, ele ficou ainda mais caseiro e estava sempre solícito para qualquer demanda relativa ao filho. Por conta das babás e desse pai dedicado, devo dizer que meu trabalho inicial de mãe foi imensamente aliviado; algo pelo qual agradecia aos céus. Não cheguei sequer a proceder ao doloroso e incômodo processo da amamentação, pois arranjam, não sei bem onde, uma ama de leite. Embora amenizado, o esforço materno tomava grande parte do meu tempo e somente após esse período inicial pude eu usufruir, em toda a sua plenitude, a notável condição financeira de meu marido que, desde o casamento, passara a ser também a minha. Não vi a menor necessidade de continuar com aquele humilde curso normal e me transformei numa honrosa dona de casa, ou melhor dizendo, numa rainha do lar, uma vez que minhas ocupações aproximavam-se, vez por outra, dos afazeres domésticos apenas para dar as ordens devidas; algo que faço com maestria, que me torna uma verdadeira soberana. Eis algo sobre o qual quero discorrer: soberania. Osvaldo, o jovem irritadiço com o qual me casei e que se tornou posteriormente um pai dadivoso, virtude tão apropriada nos primeiros anos, relevou-se um homem indeciso, dependente do pai e subserviente à mãe. Fossem questões relativas aos negócios da família ou uma mera ida ao supermercado, o hesitante Osvaldo sempre submetia suas questões à apreciação dos pais. Nessa época mantive-me calada, apartada desses assuntos, embora sentisse uma vontade dilacerante de opinar, de desatar as amarras que prendiam meu marido e assim poder orientá-lo, dirigi-lo, corrigi-lo, educá-lo. Percebi,

entretanto, que se cedesse aos meus impulsos, acabaria sendo tomada por antipática e intrusa, tanto por ele quanto pela parentada. Por alguma destas intuições ditas femininas, preferi esperar.

Foi mais ou menos nesse mesmo período que a desobediência, as travessuras e a agitação de Tiago começaram a me incomodar profundamente. O baixo rendimento escolar e o descaso com suas poucas responsabilidades realmente me preocuparam. Passei a enxergar todo esse mau comportamento como resultado de minha negligência, como um descuido imperdoável do meu papel de mãe; algo que trouxe de volta o sonho com a ave e consigo uma vontade pungente de sanar aquela relação mãe e filho. Resolvi então ser menos tolerante com o que nele me incomodava e, após submetê-lo a uma metódica rotina, calcada num regime disciplinar minucioso, aplacaram-me as angústias de mãe leniente. Afinal de contas, não era admissível que um filho meu se perdesse por conta de displicência materna. Em pouco tempo, Tiago ficou mais quieto, mais calmo; quase não se ouvia sua voz: as travessuras foram substituídas por brincadeiras controladas, os gritos por conversas respeitosas, as reclamações por suspiros, a algazarra por ordem, o choro sem razão por silêncio. Quando vi as primeiras boas notas de meu filho, pude reviver a onda de satisfação que me invadira anos antes, ao saber da gravidez, ao saber do resultado de minha obstinação, do meu esforço, de conseguir enxergar a realidade como ela é de fato, sem devaneios, e, a partir daí, vencer a propensão inata dessa minha ilustre linhagem para uma vida de horizontes não muito longínquos, de perspectivas não muito amplas. O sucesso dessa empreitada

me fez continuar sempre firme com Tiago e hoje não consigo desatrelar seu sucesso do zelo, do cuidado que empreendi por anos a fio.

Também com Osvaldo precisei exercer essa minha forte e exitosa aptidão para a educação. Após a trágica morte dos pais, esmagados pelo impacto do carro onde estavam contra o corpo pesado de um bovino que subitamente atravessou a pista na qual trafegavam, meu marido ficou um longo tempo escondido dentro de casa. Como não queria contato com o mundo exterior, os negócios da família ficaram nas mãos de empregados. As poucas vezes que Osvaldo conversava, falava apenas do acidente, da impossibilidade de velar os pais com os caixões abertos, tal o estado de deformação dos cadáveres. Passava horas e mais horas recostado à poltrona do quarto, absorto, numa expressão tão apática que pareceria um defunto não fossem os pequenos movimentos nervosos que fazia com as mãos. Eu assistia à tudo aquilo com uma angústia sufocante: sentia-me impotente, ainda me via incapaz de intervir, ainda receava ultrapassar algum limite, intrometer-me em assuntos que não me diziam respeito. Quando a paralisia de Osvaldo atingiu o sexto mês e alguém comentou que a renda dos negócios estava declinando, o pânico de perder tudo o que havia conquistado impeliu-me a arriscar uma conversa mais dura com meu marido, similar às que tive com Tiago. Disse-lhe que aquela situação era insustentável, que ele não estava se portando como um pai de família, como homem. Contei-lhe sobre a queda nos lucros, pintando um quadro assustador, onde perdíamos tudo e a pobreza tornava nossos dias mais sombrios e incertos. Essas primeiras investidas, embora enfáticas, não

surtiram o efeito desejado, mas com o tempo, percebi melhoras e assim persisti com o meu discurso pedagógico. Finalmente, após oito meses intermináveis, Osvaldo conseguiu voltar aos negócios, mas exigiu que nos mudássemos, que fôssemos embora, dali a alguns meses, para a capital, onde as novidades do ambiente cosmopolita não trariam a dolorosa lembrança dos pais. Quanto aos negócios, ele os administraria de lá, onde tentaria expandi-los tanto na própria capital quanto em outras partes do estado. Pelo pobre conteúdo do que já escrevi neste relato, revigorante para mim mas tedioso para um leitor menos desocupado, pode-se inferir meu apoio incondicional à decisão da mudança para a grande metrópole. A expansão física do mundo à minha volta, acompanhada da dinâmica peculiar ao ser urbano significava mais liberdade, mais vigor, mais ânimo, mais vida. Como já havia acontecido quando deixei meus tios, não me resenti por aquilo que teria de deixar: vizinhos, pessoas, lugares, hábitos interioranos; encarei-os todos como elementos necessários àquela fase da minha vida que se findava.

Desembarcamos na capital envoltos pelo frio de um mês de julho, quando a névoa produzida pelo mundo cosmopolita, com seu odor marcante, se adensava a poucos metros de altura. Fomos morar num apartamento de tamanho considerável, próximo ao centro, de onde se podia sentir a agitação da cidade, toda a sua vívida e maravilhosa inquietude; algo que nunca havia imaginado presenciar, nem mesmo em meus sonhos mais descabidos, mas que naquele momento tornou-se indispensável à minha existência. Assim, devidamente instalados na metrópole, espaço de possibilidades infinitas, meu

generoso tempo livre era gasto em desvendá-la: visitei lugares, frequentei restaurantes e cafés, caminhei sem destino e, mais do que tudo isso, comprei. As ruas com comércio de roupas e outros apetrechos me pareciam o Jardim do Éden e, nos primeiros anos, confesso que não fiquei um só final de semana sem descobrir uma necessidade premente para visitá-las. Saía dali exausta, satisfeita e ao chegar em casa ocorria-me, não raramente, que novas aquisições precisavam ser realizadas. Com o passar dos anos, esse ímpeto do ter, que toda e qualquer novidade nos causa, arrefeceu. Lembro-me dessa compulsão sem o menor traço de culpa, mas antes como algo que me era merecido, como uma recompensa pelos tempos obscuros, levados à margem da vida real que, na cidade grande, eu encontrei. Liderada por meu entusiasmo infinito, a família se embrenhou de corpo e alma naquela intensa atmosfera: Tiago se adaptou rapidamente, fez amigos, seguiu bem nos estudos e Osvaldo conseguiu a desejada expansão dos negócios. Hipotônicos em meio à concentração que constitui o urbano, penetrou-nos todas as suas estruturas e acabamos nos metamorfoseando em nativos do local, em mais uma típica família abastada da capital.

Quando chegou a época da faculdade, meu filho foi cursá-la exterior. Retornou anos mais tarde e encontrou seus pais já separados. Nesse ínterim, eu e Osvaldo acabamos nos percebendo insossos e inúteis um para o outro. Antes dessa clareza, procuramos, cada qual com seu nível de discrição e sigilo, aventuras extra conjugais e creio que ambos usufruímos adequadamente de cada uma delas. Apenas para ele, tais estímulos resultaram fecundas: quedou-se completamente enamo-

rado por uma outra bem mais jovem do que eu, com predica- dos físicos incontestes. Se bem me recordo, num dos diversos telefonemas grampeados pelo detetive que contratei, alguém dizia a Osvaldo: “Você é um felizardo! Que rabo ela tem! Que rabo!”. Não posso me queixar de ter demonstrado falta de tenacidade nos momentos cruciais de minha vida, mas sou obrigada a dizer que esse elogio me incomodou deveras, não por me sentir traída, uma vez que minhas próprias aventuras não se deram por vingança, mas por recônditos desejos. Quando descobri as escapulidas pouco sutis do meu marido, eu já havia tido as minhas. À época do telefonema, eu estava sem namorado algum e aquelas exclamações exultantes soaram aos meus ouvidos como um prenúncio do fim: julguei estar perdendo minha capacidade de atrair, de chamar a atenção, de despertar desejos, de causar inveja, de provocar ciúmes. Não era mais possível viver com alguém que, mesmo por vias indiretas, havia me rebaixado, me substituído, me feito sentir a menor das mulheres. A ave imortal voltou aos meus sonhos e partiu após eu ter me instalado na confortável casa onde moro atualmente.

Afirmo, sem a menor sombra de dúvida, que vivo o período mais feliz da minha vida: separada de Osvaldo e com Tiago pai de família, divido o generoso espaço de meu domicílio com livros, discos, diversos móveis estilosos e duas dispendiosas ser- viçais. O quintal é amplo e costumo me sentar ao alpendre, cuidadosamente decorado, onde passo horas a fio, saboreando os autores que admiro. A concentração no hábito da leitura, prazer que certamente me acompanhará até os instantes finais de minha consciência, é diariamente entrecortada pelo baru-

lho odioso do quintal que ladeia o meu. Há pouco mais de um ano, fui agraciada com a presença deste vizinho ilustre, ex-advogado e hoje conceituado psicólogo, que recebe em sua casa, desgraçadamente próxima à minha, um ruidoso tropel de malucos: são os tais clientes, que o visitam numa frequência impressionante. Aqueles mais regulares, conheço-os um a um e vejo claramente em seus rostos a expressão da dependência, da fraqueza, da ansiedade: dentre eles, há um rapaz que chega e sai falando sozinho; algumas vezes, está bastante exaltado e acresce ao seu desvirtuado colóquio uns trejeitos incisivos. Ele se porta assim há um ano, exatamente desse mesmo jeito, sem um traço perceptível de melhora. Certa vez, vendo-o chegar, tive vontade de gritar: “Pare de vir aqui! Ele só quer seu dinheiro! Você não vai melhorar!”. Junto com ela, emergiu, do âmago do meu senso de realidade, uma constatação: psicologia é um termo rebuscado para extorsão e nada mais do que isso. Não se trata de charlatanismo, por que os charlatões são uns iludidos que acreditam no que fazem, que acreditam na sua pseudociência. Os problemas humanos são resolvidos com atos práticos, definidos, objetivos e não apenas com palavras que, no caso da psicologia, são absolutamente inócuas. A vida pode não parecer simples; na maioria das vezes, ela se apresenta complexa e sem alternativas, sem perspectivas. Um filho tão perto e tão distante como o meu, por exemplo, pode ser um drama para alguns, pode ser uma tragédia de proporções astronômicas. Quando Tiago preferiu morar sozinho e pouco tempo depois não mais me visitou, fui tomada por uma enorme tristeza, por um profundo vazio. Quando anos mais tarde ele se casou, avisando-me após o fato consumado, chorei

de ódio e revolta. Quando meu neto nasceu e o trouxeram à minha casa já com cinco meses, tive ganas de expulsá-los. Nos dias que se seguiram à essa lastimável visita, retornou-me a ave e com ela a lembrança asquerosa de minhas origens. Essas crises acontecem assim, trazidas dentro das tripas de um rapinante pássaro preto, carnívoro, cortando o céu opaco de minha terra natal. Nesse período, tive cólicas intestinais horríveis e emagreci desmedidamente. Hoje, vejo que quase cheguei ao fundo do poço, pois ensaiei pedir ajuda ao meu vizinho psicólogo. Lembrei-me então da coragem que sempre tive e que nunca me abandonou; assim, resolvi perseverar e enfrentar minhas dores. Fui salva por um dos episódios de disenteria, daqueles que nos arrancam gemidos. Durante os espasmos dolorosos de meu ventre rígido, o escuro provocado por meus olhos cerrados era iluminado por flashes multicores. O denso festival pirotécnico acabou por iluminar as trevas ao fundo, quando enxerguei, numa definição indescritível, “O que foi dado a ele?”. Os caracteres negros da pergunta sobre um fundo alvo impressionaram minha memória e passei dias tentando encontrar resposta. Finalmente, acordei no meio de uma madrugada com ela na ponta da língua: autonomia. Eis então o fim do meu sofrimento, o desfecho do último drama de minha vida. Vi que meu filho está exercendo o que aprendeu comigo: a não se atrelar, a não depender, a resolver-se por si só. Ele bem poderia agarrar-se à mim, à barra da minha saia, poderia demandar ajuda para criar o filho ou, ainda pior, pedir dinheiro; algo que me provocaria náuseas. Ao invés disso, ele é senhor de si, do seu destino, dos seus propósitos. Como me orgulho disso! Como me apraz ver minha descendência

sobrepujando o seu maldito viés de pequenez! Essa imensa satisfação tornou-me uma mulher ainda mais forte e convicta do meu bom trabalho, da minha grande obra.

Encerro este relato, sentada no sacrossanto recesso do meu alpendre, incomodada com algo que acabei de ver: uma intromissão descabida, uma ignóbil invasão de meus domínios, uma rosa vermelha em meu quintal, sustentada por um caule intrometido, cujas raízes estão fincadas no quintal ao lado, na movimentada casa vizinha. A planta cresceu e se esgueirou pela parede do muro até que sua flor desrespeitosa, rubra como sangue, atravessou uma fronteira sensível e ocupou, sem permissão alguma, um espaço que é meu. Ela não é inofensiva; nada do que vem dali é inofensivo: essa rosa é o olho sorrateiro de seu dono tentando inutilmente me espreitar, ou melhor, me perscrutar. Em outros tempos, eu estaria me torturando de ódio, mas a simplicidade da vida me ensinou a não cair novamente em tais armadilhas. Hoje, as frustrações outrora numerosas e escravizantes me motivam ao invés de me destruir: penso agora numa grande tesoura de poda, guardada ali perto, e no prazer inenarrável que terei ao amputar aquele ardiloso olho sanguíneo.